

Resumo: *Para superar as tentações de eclesiocentrismo e estar a serviço do Reino nas relações concretas com as pessoas excluídas nas sociedades dominadas pelo capitalismo, a Igreja precisa retomar o sentido histórico de sua missão, tendo como referência a prática e a palavra de Jesus de Nazaré e os sinais dos tempos no Século XXI.*

Abstract: *In order to overcome the temptations of centralization in ecclesial exclusivist tendency while it endeavors to render a service for the benefit of the Kingdom of God on behalf of the people who are excluded from societies under the sway of capitalism, it is imperative that the Church be aware that it has to reassume its role to restore the historical sense of its mission. Its mark of reference should be the activity of Jesus of Nazareth and his words focusing as well on the signs of time of the 21th century.*

Igreja a serviço do Reino no século XXI

*Ivo Poletto**

* Ivo Poletto – Formado em Filosofia, Teologia e Ciências Sociais, é Educador Popular, assessorando, atualmente, o Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Social. Antes, trabalhou longo tempo na Comissão Pastoral da Terra e na Cáritas Brasileira. Foi membro da Equipe de Educação Cidadã do Programa Fome Zero nos dois primeiros anos do Governo Lula, e esta experiência resultou no livro “*Brasil: oportunidades perdidas*” (Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2005).





Introdução

Quem está atento à realidade percebe que a humanidade vive dias de perplexidade neste século XXI. Percebendo o aumento da capacidade de produção, como entender que praticamente uma em cada sete pessoas sobreviva na extrema pobreza, levadas à morte antes do tempo? E como entender que se tenha chegado a considerar normal que, ao lado de tantos miseráveis, um reduzido número de pessoas se aproprie da maior parte da riqueza produzida por todos? Como entender que, para aumentar cada vez mais essa riqueza concentrada, se estejam esgotando os bens naturais criados pela Terra e se provoquem desequilíbrios climáticos?

Há sinais muito claros do agravamento das mudanças climáticas, e as pesquisas científicas já fundamentaram um consenso de que elas têm origem em ações humanas, em particular as que promoveram a derrubada e queima de florestas, as que criaram um sistema de produção assentado sobre a extração e queima de bens fósseis, as que promoveram o consumismo para garantir a geração de mais e mais lucros pela minoria capitalista. A teimosia em manter esse sistema globalizado de produção, consumo e especulação, provoca a emissão de quantidades cada vez maiores de dióxido de carbono, metano e óxido nitroso na atmosfera, provocando o aumento contínuo do aquecimento do planeta.

Como entender que, dispondo de tantas informações, a humanidade não consiga exigir que seus governantes cheguem a acordos e programas conjuntos de ação para enfrentar tudo isso que pode chegar ao ponto de dificultar a vida humana na Terra?

Há muitas explicações, mas esse não é o campo de reflexão neste artigo. Nosso objetivo é refletir sobre a responsabilidade da Igreja cristã nas sociedades humanas que vivem essas perplexidades. Em que e como pode a Igreja contribuir para a superação delas? Ou, examinando a prática, em que e como sua presença pode estar reforçando o que leva a humanidade à perplexidade?

1 Igreja e sociedade: de que se está falando?

Tanto *igreja* como *sociedade* são conceitos que podem levar a equívocos. Quem pensa “igreja” como única instituição verdadeira, por exemplo, discrimina as demais denominações religiosas cristãs, a partir da definição de qualquer uma delas. E se alguém confundir “igreja” com



a prática e mesmo o ensino da hierarquia centralizada, como a católica, deixa de lado o conjunto dos batizados que não foram “ordenados” e não fazem parte do clero.

Por isso, no presente artigo, o conteúdo da palavra igreja colhe o que foi definido na Constituição Teológica *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II: ela é o povo de Deus, e de forma ampla, pois “em qualquer época e em qualquer povo é aceito por Deus todo aquele que O teme e pratica a justiça” (Cf. At 10,35). Aproveu contudo a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituiu-os num povo, que O conhecesse na verdade e santamente O servisse...”¹

Igreja, na verdade, é, antes de tudo, um mistério, uma realidade histórica mergulhada no mistério da ação de Deus em relação a toda a Criação e especialmente em relação ao ser humano, criado *à sua imagem e semelhança*. Por esta presença amorosa, criadora, tudo é sagrado, tudo e todas as pessoas são permeadas pela presença do Espírito e são gratuita e amorosamente salvas pela decisão do Filho de *fazer-se um de nós... para que todos sejamos filhos e filhas de Deus*. A existência e a prática, fiel ou não, do povo constituído por Ele está voltada para todas as pessoas: ele existe como povo que revela os segredos de como Deus gosta que todas as pessoas se relacionem com Ele.

Neste povo, todos são ungidos para a missão de consagrar o mundo, para transformar o que não agrada e afasta do amor de Deus e que, por isso, não é caminho para a realização cada vez mais plena da própria humanidade. É um *povo de sacerdotes* (Ap. 1,6), que se *oferecem como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus* (Rm 12,1). Este sacerdócio comum e o ministerial *participam, cada qual a seu modo, do único sacerdócio de Cristo*.²

Tendo presente esta compreensão de igreja, não seria correto falar em sociedade como se fosse uma realidade que se contrapõe a ela, como algo separado e totalmente diferente. Na verdade, todos os membros da igreja são membros da sociedade humana; é no interior desta sociedade que os batizados vivem sua missão evangelizadora e libertadora, movidos por Cristo e inspirados por seu Espírito. Por outro lado, em cada

¹ Vaticano II, Constituição dogmática sobre a Igreja, 9.

² Id, ib, 10 a e b. Sobre os debates tensos e as consequências da opção de definir a Igreja como povo de Deus, vale a pena ler o excelente livro de José Comblin: *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2. ed., 2002.



sociedade, com maior ou menor número de pessoas ou comunidades que sabem ser parte do povo de Deus, ou mesmo sem presença dessas pessoas, certamente vivem outras que temem a Deus, de diferentes formas, e praticam a justiça, sendo, por isso, membros do povo de Deus.

Sociedade é, então, um conjunto de pessoas, comunidades, e até povos, que partilham um território, convivem entre si e organizam ações que possibilitam reproduzir sua vida em todas as dimensões. Vivem, por isso, em territórios urbanos e rurais. Para organizar sua convivência e suas relações com a natureza, contam com normas e leis, que tanto podem promover maior igualdade como a mais profunda desigualdade; e contam com formas de governo que, mais uma vez, podem estar a serviço dos direitos de todos ou a serviço de setores privilegiados, que exercem poder a partir do controle sobre parcelas do território, adquirido pela violência ou de forma legitimada por leis. Enfim, “sociedade” é uma realidade sociopolítica e cultural historicamente determinada, com seu processo de constituição, com luzes e sombras, sempre necessitada de mudanças na perspectiva da plena realização de todas as pessoas que a constituem.

É na perspectiva da construção do Reino de Deus que as pessoas que são parte do povo de Deus vivem na sociedade humana. É igualmente por sua relação de serviço ao Reino que a igreja deve estar sempre em revisão de suas práticas, disposta a renovar-se em tudo que seja necessário. Sem essa visão, os membros da igreja podem instituir-se em modelo fechado, vivendo a ilusão de que estão “salvos”, ao lado de sociedades humanas “perdidas”.

2 Mundo: o lugar da salvação

A tentação do eclesiocentrismo e da cristandade é recorrente. É provável que essa tenha sido também uma das tentações enfrentadas por Jesus no deserto, em seu retiro e jejum para discernir a forma de vivência, anúncio e organização de sua missão. Afinal, o Tentador centrou suas propostas aliciadoras no poder que Jesus podia exercer, e que, de certa maneira, só ele poderia:

transforma as pedras em pão; sê o senhor de todas as terras e todos os reinos; atira-te do alto do templo de Jerusalém para que os anjos te sustentem... Em outras palavras: deixa de lado tuas dívidas, assume teu poder de Salvador; age com o poder de Deus... Afinal, só tu és santo, todos os demais são pecadores e não podem fazer nada pela salvação. (Cf. Lc 4,1-13)



Se Jesus aceitasse as propostas do Tentador, trabalharia sozinho ou constituiria uma organização poderosa, ou um grupo separado como os monges de Qumran, ou um grupo de profetas como os discípulos de João, como nos lembra Pagola em seu livro de pesquisa histórica sobre Jesus.³ Ao contrário, enfrentadas as tentações e livre, por um tempo, do Tentador, Jesus decide proclamar sua opção na reunião da comunidade judaica da sua aldeia de Nazaré, tornando atuais e complementando as palavras de Isaías:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para levar a Boa Nova aos pobres, anunciar aos cativos a libertação e aos cegos a restauração da vista, dar liberdade aos oprimidos e proclamar o ano de graça do Senhor.

E para quem tivesse dúvida sobre seu anúncio, completou: *Hoje se cumpre esta passagem que acabais de ouvir:* (Lc 4,18-21)

Em outras palavras, a missão dele é voltada para fora, para os espaços em que estão os excluídos do projeto humano e religioso dominante. E tem como perspectiva sua participação na construção do Ano da Graça, do novo tempo que ele denominará Reino de Deus e se tornará sua paixão.

Sem grande especulação teológica, vale destacar que a possibilidade de compreender com o coração o mistério da Encarnação está em reconhecer a prática de Deus: ele, para nos salvar, relembrando e completando o caminho que leva ao Reino, decidiu fazer-se um de nós. Mais do que as palavras, esta prática de Deus deixa claro que o lugar da nossa salvação é no mundo. Ele próprio rezeará, já na iminência da tensão que o levará à prisão e à morte na cruz: *Não peço que os tires do mundo, mas que os preserves do Maligno... Como me enviaste ao mundo, assim eu os envio ao mundo...* (Jo 17,15 e 18)

Por isso, nos debates que se aprofundaram no tempo do Vaticano II em torno da missão da igreja, teólogos lembraram a necessidade de superar o “*fora da igreja não há salvação*”, afirmando que *fora do mundo não há salvação*.⁴ O lugar da salvação é o mundo, na história concreta

³ José Antonio Pagola. *JESUS – Aproximação histórica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª ed., 2011, especialmente nas páginas 102-106.

⁴ Cf. por exemplo Schillebeeckx: “O mundo e a história dos homens, em que Deus quer realizar a salvação, são a base de toda realidade salvífica: é aí que primordialmente se realiza a salvação... ou se recusa e se realiza a não-salvação. Neste sentido, vale



de cada povo. É lá que se deve estar atento para descobrir e reconhecer o que Deus semeou no coração das pessoas, nas formas de vida e das culturas e religiões, louvando-o pelo que Ele fez antes de nós. Foi assim que Jesus, pedagogo, corrigiu os discípulos, no retorno de seu exercício de missão: *Se fazem a mesma coisa que nós, é porque já são movidos por Deus, mesmo não sendo do nosso grupo*. Ele próprio, ao dialogar e atender pedidos, segundo a necessidade, repetia: *Tua fé te salvou*. Isto é, sendo ou não do povo eleito, as pessoas, movidas por Deus, tinham fé, e Jesus a reconhecia, se alegrava com ela, e reconhecia até que em pagãos e pagãs havia mais fé e mais amor ao próximo do que no interior do povo eleito.

Esta perspectiva tem sido resgatada e assumida com práticas e reflexões coerentes pelo papa Francisco, de tal maneira que insiste, em sua exortação apostólica *A alegria do Evangelho* e em suas pregações: o lugar dos seguidores de Jesus, inclusive os que são ordenados para o ministério presbiteral e episcopal, é nas periferias das sociedades do mundo atual, junto aos que sofrem as consequências do sistema dominante, que está a serviço de uma economia que mata. A igreja não é aut centrada, a serviço dela própria. Ela está a serviço do Reino, e isso exige que esteja nos locais onde Cristo está: nas pessoas necessitadas, oprimidas, injustiçadas, excluídas...

3 Igreja e sociedade no século XXI

Consciente de que o Reino não seria existiria de forma plena no curto prazo, como parte dos seguidores imaginaram, Jesus lembrou: *Se vocês tiverem fé, não só farão as obras que me vêem fazendo, mas farão até maiores*. (Cf. Jo 14,12) Por outro lado, ele igualmente lembrou que *o discípulo não é maior do que o Mestre* e, por isso, se Ele, o Mestre e Senhor, lavou os pés dos discípulos, no mínimo cabe a eles seguir o seu exemplo. Em outras palavras, a missão vivida pela igreja povo de Deus é a mesma de Jesus, mas concretizada através de práticas possíveis em cada tempo e lugar. Por isso, quais são as obras que a igreja povo de Deus pode e deve realizar no século XXI?

É possível, por exemplo, seguir o exemplo de Jesus sendo uma igreja andarilha, que vai ao encontro dos seres humanos a partir dos

‘*extra mundum nulla salus*’, fora do mundo dos homens não há salvação”: E. SCHIL-LEBEECKX, *História humana revelação de Deus*, São Paulo: Paulus, 1994, p. 29-30.



últimos e menores, dos mais fragilizados, injustiçados, excluídos? Será que, sendo este tipo de presença, ela também será acusada de *subverter o povo desde a Judeia até Jerusalém*? E se for, seria isso estranho, ou sinal de sua fidelidade ao Mestre, uma vez que ele disse que veio trazer fogo à terra e só desejava que ele queimasse? E se, ao assumir como seu próximo toda e qualquer pessoa que esteja jogada à beira dos caminhos, agredida e deixada como morta, os seguidores e seguidoras de hoje forem considerados impuros, misturados com prostitutas e pecadores, seria infidelidade ou fidelidade?

Há, com certeza, muitas possibilidades que não havia no tempo histórico de Jesus. Para dar um exemplo concreto, hoje está sendo possível o Papa chamar lideranças de movimentos sociais de diferentes países para analisar a realidade mundial e para perceber como a igreja pode estar a serviço do Reino. E ela poderá, a partir daí, descobrir formas de reconhecimento e de reforço às suas lutas pelos direitos de todas as pessoas e pelo direito da natureza, a mãe Terra. Isso significa que seria possível que todos os demais responsáveis pela igreja em todo o mundo fizessem como o Papa: reunir, ouvir, refletir juntos, buscar caminhos em favor da vida. E poderia significar uma decisão de colocar os espaços e recursos que ela possui a serviço das lutas dos povos em favor da vida.

Para reforçar com possibilidades concretas, a igreja que está no Brasil poderia, por exemplo, dedicar 15 minutos no final de suas celebrações de fim de semana para anunciar boas notícias sobre práticas e boa convivência entre as pessoas e com o meio ambiente, estimulando suas comunidades a se dedicarem à economia solidária e ao cuidado do seu ambiente vital, seja recuperando e cuidando das fontes naturais de água, seja diminuindo o consumo de água e energia, seja implementando a instalação de painéis fotovoltaicos em suas casas para produzir a energia de que precisam, e/ou produzindo biogás com a transformação do lixo e esgoto... Junto com as boas notícias, seria possível também mobilizar as pessoas em todo o país em favor do enfrentamento de situações e práticas de injustiça...

Junto com este tipo de iniciativa articulada em âmbito nacional, seria possível pautar as emissoras de rádio e de tv, bem como os jornais e revistas ligados a instituições eclesiais para reforçarem as informações e estimularem também as pessoas que não frequentam as celebrações litúrgicas a aderirem às mobilizações comunitárias.



Na verdade, sendo absolutamente possível, o que está impedindo que a igreja seja um fermento, uma luz, um sal, uma semente... em cada comunidade em que está organizada visivelmente e, ao mesmo tempo, em redes nacionais e em rede mundial? Nada, a não ser sua falta de atenção aos sinais dos tempos e sua limitada compreensão da sua missão.

É necessário e saudável aprofundar a crítica das sucessivas transmutações do capitalismo, hoje neoliberal, globalizado, hegemônico pelo setor financeiro. É parte da missão, de modo especial no que se refere à formação dos seguidores de Jesus, para que de fato vivam neste mundo *sem ser do mundo*, isto é, sem deixar-se amoldar pelos contravalores de um sistema econômico e um sistema de vida que sacrifica a vida de muitas pessoas e da própria natureza em favor dos privilégios, da concentração da riqueza e da ostentação de uns poucos. Para não deixar-se iludir pela ideologia da livre iniciativa capitalista, que defende a liberdade dos empobrecidos para que possa explorá-los mais intensamente.

Mas não basta a crítica. A missão de estar a serviço do Reino em cada tempo e lugar, como Jesus em seu tempo, se realiza quando se descobre e anuncia como ele *já está no meio de nós*, isto é, em iniciativas concretas vividas por comunidades e povos centradas na vida, na convivência e cooperação entre as pessoas e em relações de cuidado amoroso com a Terra; quando se percebe que esta construção do novo mundo possível sofre oposições, perseguições e violências, mas continua como um *ainda não*, como uma esperança, um projeto que conta com a parceria de Deus, e se torna, por isso, uma paixão quase sem limites, como se percebe nas parábolas e outras referências ao Reino por Jesus.

Para que a presença da igreja seja assim anunciadora de boas novas aos pobres, de libertação aos cativos, de recuperação da vista aos cegos, de liberdade aos escravizados e oprimidos, e proclamadora do ano de graça do Senhor nos dias de hoje, ela precisa realmente assumir que sua missão é estar a serviço da construção do Reino. Ela não existe para si própria. Sim, ela existe para acolher a todos e todas que descobrem que Deus quer que toda a humanidade seja feliz, livre, fraterna, cuidadora da vida e do ambiente da vida, e que desejam viver dessa forma e ser comunidades que anunciam que este outro mundo é possível e está sendo construído. Ela existe para criar espaços de formação profunda de seus membros, não para exibirem seus conhecimentos, mas para que sirvam a compreender os sinais dos tempos e para atuar eficazmente em favor da construção do Reino. Para serem servidores da caminhada da



humanidade, que existe em cada localidade, em cada território, em cada país e em todo o planeta.

Em termos mais concretos, a condição para ser igreja a serviço da vida e do Reino é a retomada do que foi definido, nos campos da teologia e da pastoral, no longo e frutífero Concílio Vaticano II, uma retomada do seu espírito e dos seus documentos. Creio que, depois de um tempo de ilusório eclesiocentrismo, marcado por uma visão negativa em relação ao mundo e à história humana, a ação sempre surpreendente do Espírito se fez presente na escolha inesperada do papa Francisco. Ele não se prende à letra do Vaticano II, mesmo quando retoma seu conteúdo; ele está provocando, com suas práticas, e convocando, com suas mensagens, a que se coloque em andamento a dimensão de que a igreja está sempre em renovação, sempre atenta e buscando as melhores formas de estar a serviço do Reino. Mais do que a formalidade de um novo concílio, é essencial a prática da busca em comum, da consulta, do diálogo permanente sobre os desafios que a realidade apresenta, dando passos na direção do que Deus quer que se faça.

São muitos os desafios, mas são igualmente muitas as possibilidades e potencialidades. Uma delas é, com certeza, a abertura para práticas ecumênicas e macroecumênicas. A consciência da magnitude e complexidade dos problemas que ameaçam a vida humana e a vida da Terra leva a perceber que só ações em conjunto das diferentes confissões cristãs e das diferentes religiões poderão sensibilizar corações e mentes em favor das profundas mudanças indispensáveis e urgentes.

Trata-se de um grande desafio. Por um lado, é importante superar a tentação de construir sociedades assentadas nos princípios de cada religião, separando-se e excluindo os que não aderem a ela, como forma de livrar-se das tentações dos que seriam “infiéis”. Por outro, como seguir os valores originários de cada religião num mundo cada vez mais dominado pela ideologia capitalista? Apenas para referir um exemplo: como ser seguidor de Jesus, que não tinha uma pedra em que reclinar a sua cabeça, num mundo dominado pela prática da propriedade privada como um absoluto, como um ídolo?

Como todas as religiões, no entanto, mesmo se com variantes na compreensão e na vivência, afirmam a presença de Deus no processo da Criação, incluído nela também o ser humano, a prática de cuidar do que Deus criou deveria ser comum a todas. Não basta que isso faça parte de suas orações, danças, celebrações. É preciso que esteja presente



na prática cotidiana. Nada de *religião é religião, negócios à parte*. Ou esse cuidado se faz presente e é constitutivo do tipo de economia que se pratica, ou o dominante será a submissão ao *espírito da época*, em nome do qual teríamos a forma concreta da evolução dos conhecimentos e do seu uso instrumental.

Mesmo com os limites e dilemas que nascem do reconhecimento da autonomia das realidades temporais, as religiões não podem ser infiéis às suas mensagens originárias e precisam descobrir como *fermentar* essas realidades com um fermento transformador, capaz de mobilizar pessoas, comunidades, sociedades e o conjunto da humanidade com seus valores, com sua mensagem, que inclui a salvação do ser humano e da Criação, ambos ameaçados por ideologias e práticas que destroem o ambiente vital e a própria vida humana.

Libertas do fundamentalismo do *fora da igreja não há salvação* ou do *fora da minha religião não há salvação*, as igrejas e religiões, mesmo seguindo caminhos religiosos diferentes, podem descobrir que têm em comum a missão de *cuidar da qualidade de vida dos filhos e filhas de Deus* e de *cuidar do ambiente vital criado por Deus junto com a Terra*. Articuladas em torno desta missão comum, elas podem, sim, *fermentar a história*, mobilizando a humanidade para enfrentar o aquecimento e as mudanças climáticas, para criar, com novos conhecimentos e com o uso responsável deles, um outro ou outros tipos de convivência entre os seres humanos e com a natureza, com a Terra.

Esta articulação pode tornar-se fermento ainda mais adequado e eficaz com a abertura do coração para reconhecer onde Deus esteve e está atuando. O reconhecimento da prática e da proposta do Bem Viver dos povos indígenas dos Andes, por exemplo, faz parte desta abertura do coração. Não há dúvida de que Deus está muito mais presente na vida desses povos do que nas sociedades – e até nas comunidades cristãs – marcadas pelo consumismo, pelo individualismo e pela submissão ao absoluto da propriedade privada. O Bem Viver é prática de construção do Reino de Deus, mesmo se vivido com outras inspirações religiosas, e isso precisa ser reconhecido e valorizado como prática de amor às pessoas e à Terra que agrada a Deus, assim como a prática de amor ao próximo que agrada a Deus foi a do samaritano e não a do sacerdote e do levita, que preferiram dar mais importância ao Templo. O verdadeiro templo de Deus é a pessoa humana e a Criação, e a melhor forma de amá-lo é colocar-se a serviço da libertação da humanidade e da Criação de todas



as violências que impedem sua realização segundo o plano de Deus, como revela o apóstolo Paulo na Carta aos Romanos:

Eu penso que os sofrimentos presentes não têm comparação com a glória que há de ser revelada em nós. De fato, toda a Criação espera ansiosamente a revelação dos filhos e filhas de Deus; pois a Criação foi sujeita ao que é vão e ilusório, não por seu querer, mas por dependência daquele que a sujeitou. Também a criação espera ser libertada da escravidão da corrupção, em vista da liberdade que é a glória dos filhos e filhas de Deus. Com efeito, sabemos que toda a criação, até o presente, está gemendo como que em dores de parto, e não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos em nosso íntimo, esperando a condição filial, a redenção de nosso corpo (Rm 8,19-23).

Goiânia, 15 de outubro de 2014

Endereço do Autor:

Rua C152, Quadra 404, Lote 21
Jardim América
74275-120 GOIÂNIA, GO